

MAGALI MENDES DE MENEZES
CARLOS EDUARDO SPERB
ALESSANDRA DE OLIVEIRA PETRY
WAGNER MACHADO DA SILVA
OLÍVIA DE ANDRADE SOARES
(ORGANIZADORES)

DIREITOS

HUMANOS

EM DEBATE

educação e marcadores sociais da diferença

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2019.
1º edição - 2019

Edição, Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles
Revisão e Normatização: Mauro Meirelles e Jeferson Mello Rocha
Transcrição dos áudios: Maria Petrucci
Fotos: Luis Ventura, Ana Letícia Meira Schweig, Sofia Pulgatti,
Carlos Eduardo Sperb, Paulo Josué Goulart da Silva
Capa: Luciana Hoppe e Carlos Eduardo Sperb
Impressão: Copiart
Comitê de Organizadores do Evento: Magali Mendes de Menezes,
Maria Aparecida Bergamaschi, Russel Teresinha Dutra da Rosa,
Rosângela Rodrigues Soares, Dagmar Estermann Meyer, Fernan-
do Seffner, Caroline Pacievitch, Karine dos Santos, Mariangela
Bairros, Leandro Rogério Pinheiro, Rita Camisolão, Suzi Webber
Tiragem: 300 exemplares impressos em dualtone e 700 para dis-
tribuição on-line.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D598 Direitos humanos em debate : educação e marcadores sociais da
diferença / Magali Mendes de Menezes ... [et al.] (orgs.). -
Porto Alegre: CirKula, 2019.
440 p.: il.

ISBN: 978-85-7150-018-1

1. Direitos humanos: educação. 2. Interculturalidade. 3. Povos
indígenas. 4. Socioeducação. 5. Arte. 6. Gênero. I. Título. II. Menezes,
Magali Mendes de. III. Sperb, Carlos Eduardo. IV. Petry, Alessandra
de Oliveira. V. Machado, Wagner. VI. Soares, Olívia de Andrade.

CDD 323.1

Bibliotecária responsável: Débora Jardim Jardim – CRB 10/1598

Editora CirKula
Av. Osvaldo Aranha, 522 - Loja 1 - Bomfim
Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190
e-mail: editora@circula.com.br
Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

ARTE, PERFORMANCE E DIREITOS HUMANOS: OBSERVAÇÃO, AÇÃO E INTERVENÇÃO NO FLUXO DO PASSANTE

Suzane Weber da Silva
Luiz Manoel Oliveira Alves
Silvana dos Santos Rodrigues

Ao receber o convite da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faced – UFRGS), através de sua Diretora, a Professora Doutora Magali Mendes de Menezes, para que propuséssemos intervenções e *performances* cênicas ao longo do ano, em diferentes momentos, no ciclo de palestras **Direitos Humanos em Debate**, logo entendemos o desafio que nos esperava tendo em vista a diversidade de temas em pauta. Cada vez mais a arte entrelaça-se com ativismos advindos de grandes e complexas demandas sociais.

Assim, acreditamos que a proposta de intervenções cênicas, no ciclo de palestras cujo tema gira em torno dos Direitos Humanos, está circunscrita nessa perspectiva entre o social e o artístico – e é nesse sentido que podemos compreender nossas *performances* no âmbito da Arte Contextual. Segundo Ardenne (2002), a primeira qualidade de uma arte “contextual”¹ é a constante e indissolúvel relação com a realidade. Várias formas de Arte do século XX – tais como intervenções cênicas, arte na rua, *performances*, ecoarte, criações em rede, *net art*, criações participativas, fóruns políticos animados por artistas, entre outras manifestações – podem, segundo o autor, ser colocadas na rubrica “contextual”, uma vez que é a Arte que tem como primazia o foco dado ao “Contexto”. Trata-se de integrar a realidade aos processos artísticos em oposição à aparência, à ilusão e ao idealismo. É a vontade do artista de tecer com o mundo ao seu redor, numa arte nutrida e enriquecida pelo contato com o meio

1 A noção de arte contextual apareceu pela primeira vez por meio da publicação de um manifesto do artista polonês Jan Swidzinski, intitulado **Art as contextual art** (1976). Para mais detalhes, ver a revista canadense **Inter** (1991, n. 68, p. 35-50).

ambiente, levando em conta suas circunstâncias, muitas vezes numa atuação ao calor do instante, colocando-se na arena, improvisando em lugares fora do teatro tradicional, em espaços inusitados. São intervenções modestas, de pequena escala, que dialogam com estéticas ocasionais e efêmeras, nas quais as práticas artísticas são mais importantes do que as obras e os artistas. É a Arte na sua dimensão de Micropolítica, na vontade do artista de agir no Aqui e Agora. É o investimento do artista que recusa a Autonomia da Obra e se engaja num processo de Situação, buscando em suas ações a colaboração do transeunte, uma brecha em direção ao espectador, ao passante.

Na mesma sintonia, a filósofa cubana Ileana Diéguez Caballeiro (2016) explica, à luz de exemplos latinos, que a presença, hoje, de atrizes, atores e *performers* nas intervenções de rua, no recorte de uma cena cada vez mais experimental, vai além de uma presença material, carnal, sensorial, tendo em vista que o *real* do corpo do artista não é suficiente para explicar a carga política da teatralidade dos contextos cênicos contemporâneos. Trata-se de uma Presença não somente Autorreferencial e Estética, mas também ética. Para a autora, é o corpo do executante inserido numa coordenada *cronotrópica*, ou seja, o executante entre as coordenadas de espaço/tempo em que se produz o ato. É a fisicalidade enquanto ato do sujeito, e são suas implicações éticas e suas respectivas derivações a partir de sua intervenção no aqui e agora. É o Ato Teatral como apelo entre o social e o artístico: o Artista que se aproxima do Ator Social.

Nesse sentido, encontramos práticas e poéticas teatrais que se afastam cada vez mais da representação tradicional, buscando estados efêmeros e reforçando a aliança das artes cênicas junto à *performance*. Há uma enorme literatura internacional (GOLDBERG, 2006; CARLSON, 2009; BANNES, 2003), bem



como nacional (Cohen, 2004; Alice, 2015; Fabião, 2013), que têm destacado a presença da *performance* junto à autoexposição do corpo invadindo a cena, a rua. É a partir dos anos 1970 que começamos a ver um maior espaço para as questões que envolvem identidades imbricadas em discursos autobiográficos, sobretudo associados às mulheres e a outras minorias silenciadas. Os autores citados anteriormente evidenciam certas transformações desde o final dos anos 1960 e, a partir dos anos 1990, indicam nas artes da cena um afastamento de questões estético-formais para uma maior exploração de exposições de certos grupos invisibilizados ou excluídos, abordando temas associados a questões Gênero, de Raça, de Classe ou ao Meio-Ambiente.

Se as Artes Cênicas encontram modos de debater diferentes temáticas e ocupar diferentes espaços das cidades ao ar livre, isso não é privilégio somente das Artes. Cada vez mais, os sujeitos dos grandes centros urbanos encontram nas ruas espaço para manifestações, fenômeno que é parte de um contexto internacional e nacional. No Brasil, alguns momentos marcam o quanto essa onda cresceu, dentre os quais podemos destacar o ano de 2013 e as conhecidas *hashtags* #VemPraRua e #VemPraJanela, compartilhadas por milhares de pessoas e que dominaram o *Twitter*, o *Instagram* e o *Facebook* da época. Inicialmente relacionadas ao aumento das passagens de ônibus, a nível nacional, essas manifestações aconteceram primeiramente nas cidades de Porto Alegre e Manaus, criticando o aumento das tarifas. Esse pode ser considerado o início de muitos de outros movimentos que viriam a ser criados, gerando uma explosão de protestos após junho de 2013, tais como a Marcha das Vadias, Marcha das Mulheres, Marcha do MST, Bicicletadas e tantos outros movimentos que se inserem num contexto internacional de luta contra retrocessos globais e que ganharam visibilidade nas ruas.



Essas lutas, movimentos e reivindicações não passaram despercebidas entre os alunos e professores dos cursos de Teatro na UFRGS, bem como dos cursos de outras Universidades Federais. Em 2015, no contexto das ocupações das escolas, o Departamento de Arte Dramática (DAD) também se posicionou ao participar de atividades em muitas escolas de Porto Alegre, por meio de alunos, professores e grupos de teatro que estavam atentos à importância dessas ocupações. De lá para cá, vemos cada vez mais *performances* e intervenções teatrais que se mesclam aos movimentos de reivindicações sociais, tendo o Corpo como Plataforma de Expressão, de Atuação e de Autorrepresentação. A *performance* surge aqui como uma alternativa possível de questionamentos e de tensionamentos diante de tabus relacionados ao corpo: como um meio de expressão que busca modos de subverter ou explicitar sexismos, racismos e outros temas neurálgicos da sociedade. E, nesse sentido, as relações entre arte e ativismo ganharam, nos últimos anos, vias de mão dupla.



Em Porto Alegre, o Departamento de Arte Dramática (DAD) é reconhecido na cidade e dentro da UFRGS pela força de suas intervenções cênicas em diferentes situações – seja pela luta de Direitos Políticos, Direitos Humanos, pela recorrente Luta pela Educação ou por suas próprias lutas internas por melhorias de seus espaços de ensino, entre outras batalhas. O DAD, com seus mais de sessenta anos dentro da UFRGS, é um pequeno barco em torno de grandes embarcações em termos de representatividade de professores e de alunos. Nosso prédio, entre o tráfego das avenidas João Pessoa e Salgado Filho, no Centro de Porto Alegre, vem, nos últimos anos, de forma intensa e recorrente, usando as ruas como espaço de intervenção e de luta nas mais diversas formas de atuação cênica.

Como exemplo, citamos alguns grupos cujos integrantes em sua maioria têm fortes vínculos com o DAD – UFRGS, entre eles:

o grupo **Pretagô**², que vem propondo um teatro performativo de presença negra, como na peça intitulada **Qual a diferença entre o charme e o funk?** Também é o caso de outra peça do grupo intitulada **Afrome**, cujo elenco, num tradicional bar de samba da cidade, Boteco do Paulista, mistura-se aos clientes e/ou espectadores, em meio aos pedidos de cerveja e momentos de música ao vivo. A **Cia. Rústica de Teatro**³, que investe em produções que reúnem vários alunos e docentes do DAD, congregando diferentes gerações, propõe uma poética festiva que desenvolve práticas de proximidade com o espectador, tanto em salas fechadas quanto em diversas experiências na rua. É o caso da intervenção **Cidade proibida**⁴, que se apresenta em praças e parques em horário noturno, explorando a possibilidade da arte de transformar a violência potencial desses lugares à noite em espaço de convívio, discutindo questões como a privatização do espaço público, políticas sociais, diferença, e afirmando que a cidade “somos nós e os outros”. Um outro exemplo é o teatro que convida os espectadores a fazerem parte do espetáculo, com direito a uso de figurinos e a dança, como é o caso do grupo

2 O grupo *Pretagô* nasceu em 2014 a partir do encontro de estudantes negras e negros egressos do DAD que sentiam necessidade de refletir a representação e a representatividade da pessoa negra nas artes da cena. Dentro dessa perspectiva, entre seus objetivos, o grupo busca subverter os papéis geralmente impostos a pessoas negras em contextos marginalizados, subalternizados ou estereotipados. No elenco estão: Bruno Cardoso, Bruno Fernandes, Camila Falcão, Kyky Rodrigues, Laura Lima, Manuela Miranda, Silvana Rodrigues e Thiago Pirajira. A peça *Qual a diferença entre o charme e o funk?* foi dirigida por Thiago Pirajira com orientação de Celina Alcântara.

3 A *Cia. Rústica* foi criada e é dirigida pela diretora de teatro e professora do DAD Patrícia Fagundes. O seu elenco diversificado conta com diferentes gerações egressas do DAD, bem como da comunidade teatral como Heinz Limaverde, Lisandro Bellotto, Priscilla Colombi e Diego Nardi. Entre os professores que participam da *Cia Rústica*, destaca-se a professora e atriz Mirna Spritzer com mais de quarenta anos de experiência em teatro. Nas peças da *Cia Rústica*, Mirna atua, corre e dança em cena ao lado de uma novíssima geração.

4 *Cidade proibida* tem direção de Patrícia Fagundes. Disponível em: <<https://ciarustica.com/desvios/cidade-proibida/>>.

Usina do Trabalho do Ator (UTA)⁵, na peça intitulada **A dança do tempo**. O grupo UTA conta com três professoras permanentes do DAD e tem mais de vinte e cinco anos de atuação. Enfim, são alguns exemplos de teatros com diferentes propostas, comprometidos com o debate social e também na busca do enlace em direção ao espectador. E por fim, temos a do jogo performático intitulado **Gaymada**, que mistura atividade esportiva e performance artística, coordenado pela professora Luciana Éboli. A **Gaymada** é uma versão da queimada, uma brincadeira típica da infância, e é levada a público num campeonato coordenado pela comunidade LGBTQTT para criar um espaço lúdico e artístico de respeito à diversidade. O **Bafão Performático de Gaymada** é uma ação de extensão realizada pelo Departamento de Arte Dramática da UFRGS em parceria com a Faced. A atividade conta com a participação dos alunos de graduação, a primeira edição foi realizada no ano de 2017 dentro do mês da LGBTQTTfobia. A segunda edição foi em 2018 durante o evento **Direitos Humanos em Debate**, e em 2019 foi realizada no Dia do Orgulho LGBTQTT.

Na contramão dos movimentos de luta associados aos Direitos Humanos citados anteriormente, vemos grupos políticos ultraconservadores que buscam manter, reestabelecer ou fomentar hierarquias das mais diversas com a intenção de promover políticas antidemocráticas. Nesse sentido, a iniciativa da Faced em promover o debate em torno dos Direitos Humanos é fundamental e premente, e fazer parte de tal debate é uma possibilidade de buscar uma brecha em face do conservadorismo que estamos vivendo. Cada vez mais, no Brasil, as autoridades conservadoras do governo estão ditando pedagogias que buscam atacar as mais diversas conquistas na área da Educação, além de manipular e sequestrar nossa imaginação, prescrevendo premissas incoerentes. Exemplo disso é o “indicativo” de uso das cores *rosa* para mulheres e *azul* para os homens, que explicita o desejo de manutenção de uma velha lógica heterocapitalista infantilizada que ainda tenta legitimar “na marra” modos heteronormativos de comportamento. Acreditamos que o evento de palestras **Direitos Humanos em Debate** pode ser uma alternativa eficaz contra essas imposições e retrocessos.

5 O grupo *Usina do Trabalho do Ator* é integrado pelas atrizes e professoras do DAD Celina Alcântara, Ana Cecília Reckziegel e Gisela Habeyche; o ator, diretor de teatro e professor da Faced, Gilberto Icle; e ainda os acadêmicos pesquisadores Thiago Pirajira e Dedy Ricardo.

Na tentativa de colaborar para esse debate, acreditamos que, através de *performances* e intervenções artísticas, podemos fazer oposição a um projeto conservador, misógeno e racista, que tem como parte de seus objetivos o controle de nossas emoções, afetos e criações no âmbito de uma política antidemocrática e patriarcal. Encontramos eco do que estamos promovendo no discurso da filósofa e ativista Angela Davis, proferido em 2017 na Marcha das Mulheres, nos Estados Unidos. Em sua fala, ela afirma a importância de resistir às agressões e aos retrocessos do Estado a partir de um feminismo inclusivo e interseccional contra o racismo, a misoginia e a exploração capitalista. A autora afirma a importância da luta de um feminismo interseccional que possa defender mulheres negras, indígenas, migrantes e que abranja questões relacionadas ao meio-ambiente, entre outras.

À luz dos movimentos sociais, acreditamos que nós, artistas e intelectuais, dentro de um contexto acadêmico, podemos aprender e trocar com grupos ativistas e populares, bem como com aqueles que falam por si, de si, em experiências únicas de violência ou de pobreza. A produção de novos protagonistas culturais e seus respectivos dispositivos de visibilidade têm nos mostrado experiências enriquecedoras vindas das favelas, dos grupos de *hip hop*, dos grupos de samba, do carnaval e dos *griôs*, mestres de saberes e fazeres de tradições orais.

No texto a seguir, resolvemos destacar quatro intervenções que fizeram parte do evento **Direitos Humanos em Debate** e que – acreditamos – podem testemunhar e compartilhar o tipo de *performance* que realizamos na busca de cruzar a arte da *performance* com a proposta de debates em torno dos Direitos Humanos lançada pela direção da Faced. Entende-



mos que, como ressalta Angela Davis, nenhum ser humano é ilegal! E as Artes, as Artes Cênicas, as *performances*, as danças e os teatros estão aí para pôr à prova a busca pela compreensão das diferentes facetas, gestos e *performances* das mulheres, dos

trans e dos homens. O texto foi escrito na transversalidade de uma professora/artista/pesquisadora e dois estudantes/artistas da graduação. O texto a seguir apresenta algumas descrições de quatro intervenções que compuseram as dez *performances* apresentadas. As seções “**Veado**” e “**Relaxamento Afro**” são descrições dos propositores das *performances*, Luiz Manoel e Silvana Rodrigues.

A queda do céu

Lugar: em frente à porta do edifício da Faced.

Ação 1: carregar os sacos de terra e erva-mate no centro da cena em frente à Faced.

Ação 2: montar a cena com uma mesa, uma cadeira, o livro **A queda do céu** e um microfone. Na frente da mesa há um pequeno cartaz como o nome do livro e seus respectivos autores.

Ação 3: retirar a terra dos sacos e preparar um monte de terra em um dos lados da cena frontal; retirar a erva-mate do pacote e preparar um outro monte de erva-mate no lado oposto ao do monte de terra. Executar as ações de modo lento.

Ação 4: mexer na terra, tocar na terra, envolver as mãos na terra. Jogar um pouco de erva-mate em cima do monte de terra.

Ação 5: ler o livro **A queda do céu**. Observar as pessoas. No caso de sentir uma forte empatia por parte do espectador, oferecer o livro ao espectador. No caso de o espectador se aproximar e querer ler o livro em voz alta no microfone, agradeça.

Um dos primeiros desafios ao participar do **Direitos humanos em debate** foi promover uma *performance* a partir da temática da interculturalidade e dos povos indígenas. Pareceu-nos a própria alteridade batendo à nossa porta. O que fazer? Nós, artistas urbanos, letrados e higienizados. Tentamos eleger elementos objetivos que, de modo fácil, rápido e simbólico, pudessem estar associados à cultura indígena e, para isso, trabalhamos com terra e erva-mate em pó.

A *performance* realizada contou com a graduanda Silvana Rodrigues, o doutorando Lisandro Bellotto e uma atriz franco-portuguesa, Francisca do Rego. Os *performers* encontraram, nas ações reais de carregar a terra e a erva-mate, uma paisagem que se concretizou em uma instalação onde, de um lado, encontrava-se um monte de terra e, do outro, um monte de erva-mate. Além



disso, havia uma mesa com um microfone e o livro, intitulado **A queda do céu** (2015), do escritor, xamã e líder político yanomami Davi Kopenawa, escrito em colaboração com seu amigo de muitas décadas, o antropólogo francês Bruce Albert. A seguir, parte do texto que escolhemos para começar as leituras em frente à Faced:

Faz muito tempo, você veio viver entre nós e falava como um fantasma. Aos poucos, você foi aprendendo a imitar minha língua e a rir conosco. Nós éramos jovens, e no começo você não me conhecia. Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de *nape*. Seus professores não lhe haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos. Apesar disso, você veio até mim e se tornou meu amigo. Você ficou do meu lado e, mais tarde, quis conhecer os dizeres dos *xapiri*, que na sua língua vocês chamam de espíritos. Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós. Ficamos muito tempo sentados, falando, em minha casa, apesar das picadas das mutucas e piuns. Poucos são os brancos que escutaram nossa fala desse modo (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 63).

Alguém do público pediu para ler um trecho do livro. Foi um instante breve, mas rico na troca inusitada do passante e, paradoxalmente, sempre esperada por parte dos artistas. Nesse tipo de *performance*, em que há ações concretas e simples, estas

são acessíveis ao público em diferentes graus de participação. Consideramos a polaridade de três tipos de espectadores e suas respectivas participações: aqueles que passam, olham e não param sua caminhada, o espectador transeunte, passante; o espectador que para, observa e, desse modo, potencializa o foco da ação por conta de sua pausa: é o espectador observador; e, por fim, o espectador colaborador, aquele que quebra a barreira entre artista e o espectador, aquele que participa da obra, que se engaja em algum tipo de ação, como nesse caso citado, em que alguém pediu para ler um trecho do texto. As seções seguintes do artigo levam os títulos das *performances* que executamos.

Veado

Luiz Manoel – “EU SOU BICHO COMO VOCÊ”, esse era o dizer fixado na parede do *campus* central da UFRGS no dia da *performance*. Esse pensamento, no entanto, parece encontrar-se muito distante das convicções da maioria de nós – indivíduos pertencentes a este mundo –, em decorrência da situação excludente e discriminatória vivenciada pelo público que essa intervenção artística mirou. A *performance Veado* propõe um deslocamento do espaço-tempo no trânsito de estudantes, servidores e passantes pelo pátio da Faced, questionando o sentido do insulto atrelado à palavra “veado”, comumente pronunciada como “viado”, referindo-se aos homossexuais do sexo masculino.

A ação desenrolou-se a partir da mescla da figura do cervo com o humano, maquiada, de forma mórbida, em branco e preto, transitando entre momentos de imobilidade total e poucos movimentos, entre fala e silêncio, entre morte e vida. Os veados estão morrendo; não somente os cervos, mas também nós, seres humanos veados: gays, bichas, boiolas, baitolas, arrombados, queima-rosca, maricas, bonecas, frescos, bambis, putos, viados, viados, viados, viados! Além de todos os outros adjetivos ainda utilizados por algumas pessoas como ofensas, mas que, em realidade, representam coroas para nós. Desde muito jovem, eu era chamado dessas formas e não entendia com clareza o porquê de esses dizeres virem carregados de tanto desprezo, nojo e, majoritariamente, ódio. Era consciente da minha parte o fato de eu ser diferente da maioria das pessoas e, mais especificamente, de outros garotos. Identificava-me com poucos meninos, mas não

nos falávamos porque éramos estranhos, e dois deslocados juntos gerariam muito alarde em um ambiente social tão pequeno e frequente como a escola. Além de silenciar, esse medo era para me proteger. Toda vez que ouvia a expressão “viado”, percebia como mastigavam muito essa palavra ao ser pronunciada a mim, como também a outros meninos afeminados.

É curioso pensar que o mínimo desvio de qualquer norma já é suficiente para fazer tremer algumas estruturas bastante frágeis na nossa sociedade, como, por exemplo, a masculinidade. Toda essa falta de solidez própria, evidenciada por esses já então homens, era absorvida por mim como uma espécie de vergonha, e, “equivocadamente”, eu não me dava conta disso. Aquele xingamento era unicamente para me alertar e coagir por ser quem eu era. A sensação era a de que eu não merecia existir, pois ser daquela forma não era algo bom. Nunca foi e ainda não é.

Veado se organiza a partir dessas ideias, com relatos pessoais e de terceiros acerca das violências vivenciadas diariamente por nós e que deixaram marcas psicológicas ou até mesmo, em casos extremos, a morte. É visível, no nosso contexto atual, a premissa de que homem é hegemônico e inabalável, e que qualquer um que queira ou possa desestabilizar e ameaçar tal condição deve ser colocado em seu devido lugar. A mulher, contudo, é vista em todos os âmbitos como rebaixada em relação ao homem. Um homossexual, então, apresenta-se, na visão massiva e superficial das pessoas, como o homem que quer ser mulher; afinal, por que ele seria afeminado se não fosse para ser uma mulher? Dessa forma, esse homem, que aparentemente abre mão do seu privilégio, não merece e nem pode ser equiparado aos outros, restando apenas a sua eliminação.



Esse pensamento, que faz sentido apenas na ótica heteronormativa, é inaceitável, pois restringe as possibilidades de potência de vida de outras pessoas que não concordam em se encaixar em um modelo falido e ultrapassado tanto no campo filosófico quanto no campo das práticas. O que há de não resolvido na sexualidade de cada um que promove tanto incômodo em terceiros? Não somos todos seres humanos? Carne, ossos, órgãos, sonhos, frustrações, medos, incertezas, trabalho, casa, contas, cachorros, gatos etc. Somos feitos da mesma matéria; somos bichos dotados de razão (e talvez esse seja o problema: as razões absolutas que temos), que se locomovem por esse mundo, assim como a menor unidade celular, que também o faz à sua maneira. E, assim como ela, queremos sobreviver, ou melhor: viver. Nos deixem viver.

Relaxamento afro

Silvana Rodrigues – **Relaxamento Afro** é uma estação de parada, uma estrutura montada com poltronas e livros de autoras negras para que a comunidade afrodescendente pare e relaxe em meio à correria do *campus* central da UFRGS. Passados dez anos da implementação das ações afirmativas que possibilitaram a entrada de estudantes com maior diversidade étnico-racial, o *status* de batalha vencida ainda segue distante. No *campus* circulam funcionários terceirizados negros, que muitas vezes têm suas condições básicas de trabalho negligenciadas, em contraste com o grande quadro de técnicos, de docentes e de discentes brancos. A permanência dos estudantes racializados, cotistas ou não, continua em constante ameaça real e simbólica, e, neste contexto, o *relaxamento* também é uma utopia.

Para as mulheres negras, comumente, ainda na infância somos apresentadas a produtos com químicas altamente danosas que servem para modificar a estrutura do cabelo dito rebelde, volumoso, cabelo que apenas é. Muda-se a estrutura do cabelo, que nada mais é que cabelo, e não se muda a estrutura racista que nos faz saber desde pequenas que teremos que fazer o dobro para ter metade, uma conta que nunca fecha. Na *performance*-instalação **Relaxamento Afro**, as poltronas foram colocadas em frente ao prédio da Faced para que pudéssemos sentar e, por instantes, fazer “nada”, apenas observar o *campus* e os passan-

tes, sermos servidos pelos *performers* não racializados (brancos) e convidar nossos pares a um momento conosco. Ao aceitarem nosso convite para sentar, oferecíamos água, um *snack*, um livro para ser lido ou, ainda, o mais singelo “fica à vontade, não precisa fazer nada, nós também não faremos”. Nas nossas poltronas sentaram funcionárias terceirizadas (entre a troca de plantão), uma adolescente vestibulanda que ainda sonha em entrar na UFRGS (por que o Ensino Público e de qualidade, que possibilita o aprendizado de um saber, está posto como sonho?), uma professora (a única professora negra de um dos Institutos da UFRGS), uma mestranda e um jovem de Gana, estudante de Relações Internacionais, que nos agradeceu por se sentir um pouco mais em casa.



Que estudante você é? Quem você é?

Ação: Luiz Manoel, *performer* e ator, com camiseta, tênis e calça jeans, tem seu corpo enrolado lentamente por uma fita, através das ações da *performer* Silvana Rodrigues. A fita que enrola o corpo do *performer* é uma fita plástica de interdição do trânsito ou de obras. Com o corpo quase todo envolto pela fita nas cores amarela e preta, resta um olho de Luiz Manoel, que observa os transeuntes. Ao terminar essa ação de enrolar o corpo do colega, Silvana conversa com os transeuntes. Aos que param para observar, em sua maioria estudantes, a atriz pergunta: *que tipo de estudante você é?* Após a pergunta, Silvana, que porta alguns bloquinhos coloridos de notas, oferece aos passantes uma folha do bloquinho e uma caneta. Os transeuntes escolhem, entre os bloquinhos coloridos, algum deles e uma caneta, e se afastam para refletir. De modo geral, sozinhos, eles escrevem algo na folha do bloquinho, que colam na fita amarela e preta colada no *performer*. Depois de uma hora do *performer* imóvel em frente à Faced, enrolado na fita amarela e preta, seu corpo está coberto de notas de papel coloridas. A seguir, algumas transcrições do que os estudantes escreveram ao responder à pergunta “Que tipo de estudante você é?”:

Jovem mãe da periferia <3 / humano transgressor esperançoso idealista lutador gay vencedor / jovem sem medo de amar e mudar o mundo / V I A D O / travesti / sapatão invisível para a sociedade / jovem professora / jovem piauiense / jovem mãe da periferia / jovem gay tímido / mulher resistência / revolucionária / jovem mulher / jovem mulher classe trabalhadora / jovem viajante / jovem com medo / mulher na engenharia? / pobre preto puto / jovem mulher cotista poeta sonhadora de esquerda / jovem artista / de luta! / jovem curioso / jovem há muito tempo / jovem negra cotista empoderada ativista / jovem estudante artista revolucionária / esperança / jovem estrangeira / jovem maconheira / QUEER / liberdade de expressão / que sonha / jovem viajante que acredita no amor.

E é dentro desse contexto de combustão de práticas artísticas, de saberes e de fazeres, articulando demandas sociais em torno de *performances* de resistência e junto aos debates con-



